



# A questão feminina

## e o acesso aos documentos de arquivo

Renata Geraissati Castro de Almeida

Colaboração: Diogenes Sousa

Arte: Eduardo Grigaitis



Diretora: Adriana Rizkallah



**N**este mês de maio, em que comemoramos 126 anos de fundação, a Casa da Boia presta homenagem à memória de Zekié Naccache, figura essencial para o desenvolvimento de nossa história. Esposa de Rizkallah Jorge Tahan, nosso fundador, e mãe de três filhos, Jorge, Nagib e Salim, teve um papel fundamental em sua educação e em diversas entidades filantrópicas da sociedade paulistana no início do século XX.

Contudo, apesar de toda sua relevância, no acervo documental da Casa da Boia e em outras fontes de pesquisa, encontramos dificuldade em localizar registros sobre a sua presença e protagonismo, algo que nos remete a uma questão mais ampla sobre a história das mulheres à época, e o papel dos arquivos na preservação dessas atuações, delimitando o que deve ser preservado e contado.

Michelle Perrot, historiadora francesa reconhecida por sua produção desde os anos 70 relacionada à História das Mulheres, ressalta que a ausência de documentos relativos à temática demonstra como foram privilegiadas as narrativas masculinas. Se para escrever sobre o passado são necessárias fontes, vestígios, quando não temos documentos de arquivos, o acesso a essas narrativas é dificultado.

Para reconstruir a história de dona Zekié Naccache, em virtude da falta de registros escritos, recorreremos aos relatos orais, frutos da memória, como forma de preencher essas lacunas.

Nascida na Síria, descendente de armênios, foi apresentada a Rizkallah Jorge Tahanian por seu pai. Casaram-se em 14 de março de 1895.

Após seis meses de casados, seu marido, em decorrência das crises econômicas na região de Aleppo, onde moravam, decidiu migrar para o Brasil. Junto de três amigos, se dirigiu ao porto de Trípoli, na Líbia, e escreveu uma carta em que contava à esposa sobre sua decisão de viajar para o Brasil.

Após fundar sua empresa, a Rizkallah Jorge e Cia, no ano de 1898, o casal pôde se reencontrar e construir seu lar em São Paulo. Agora com o nome "Zackie", por ação dos agentes de imigração brasileiros, que alteraram o nome de vários imigrantes estrangeiros que representavam dificuldades em sua grafia, conforme relatado em nosso blog.

*De presença discreta, Zackie Naccache, na foto com os netos, foi fundamental para a organização do núcleo familiar.*



Encontramos poucas menções à Zackie, uma delas na doação efetuada por seu marido ao Hospital Sírio-libanês, momento em que é referida como Sra. Rizkallah Jorge, servindo de indício para refletirmos sobre o papel da mulher na elite da época, frequentemente limitadas às áreas filantrópicas.

Assim, nosso próprio acervo é espelho de uma época em que a agência estava centrada nas figuras masculinas da família que desempenhavam as atividades comerciais, políticas, serviam de aglutinadores de redes, assim, produzindo naturalmente muitos documentos.

São necessários novos estudos no campo da História que ressaltem como as questões de gênero são importantes para compreendermos como o processo migratório foi sentido pelas mulheres da comunidade, compreendendo como o gênero impacta a inserção, na assimilação e na construção identitária dos estrangeiros.

Conseguimos localizar Dona Zackie apenas quando abordamos a questão da filantropia e, em especial, no desenvolvimento da iniciativa de criar um hospital para a colônia.

*A foto de 1910 traz grande simbolismo ao "delimitar" o espaço masculino dos negócios e o feminino o do cuidado do lar.*



Longe de significar que não teve uma atuação importante, isto reflete o espírito de uma época e a existência de poucos registros públicos para acessar sua opinião e conhecer sua posição individualmente.

Em foto emblemática da fachada da Casa da Bóia, temos mais um exemplo desta divisão entre os papéis femininos e masculinos, com a esposa estando presente na sacada da residência familiar e o marido, na frente da loja.

Essa divisão começa a ser discutida e repensada, a partir do século XX, com demandas sobre direitos políticos, a educação feminina e a presença das mulheres no mundo público, impactando no surgimento e aumento de publicações voltadas ao público feminino.

Em meio a páginas que faziam propagandas de calçados elegantes, tinturas para cabelo, tratavam sobre os bons costumes femininos, davam dicas sobre os cuidados com o lar e sobre moda, a Revista Feminina também trazia temas como voto feminino, direito à instrução e trabalho fora do lar, no magistério, na medicina e no jornalismo.

Em suma, se propunha a discutir questões relativas ao papel social da mulher, o que era a sua identidade, seu papel como mãe e esposa, bem como as mudanças da sociedade moderna.

*"A Luta Moderna". depois "Revista Feminina". surge em 1914. com o propósito de "convergar" com as mulheres. até então pouco representadas na mídia.*

# A LUTA MODERNA

Propriedade da Empresa Feminina Brasileira

Publicação Quinzenal  Revista de maior circulação no Brasil  Assinatura annual, 3\$000 - com direito ao premio

1.º anno — 7.º numero **São Paulo, Dezembro de 1914** Redacção, Alameda Gleite, 87

Toda a correspondência para a LUTA MODERNA deve ser dirigida á directora da "Empresa Feminina Brasileira" ouma. srna. D. Virgíllina de Souza Salles.

## A Luta Moderna

A pedido de grande numero de leitores, que desejam colleccionar o nosso periodico, digno realmente de ser guardado como repositório de variedades literarias e informações uteis absolutamente seleccionadas, resolvemos dar á LUTA MODERNA o formato de revista, afim de que se adapte melhor áquelle fim.

Por outro lado, como é cada vez mais crescente a acceitação que ella tem merecido em toda parte do Brasil, pois se exgotam sempre as suas colossaes edições, que já ascendem á fabulosa somma de trinta mil exemplares cada numero, decidimos melioral-a consideravelmente, tanto na parte material, como na redaccional, imprimindo-a em melhor papel e contractando novos colaboradores.

Iremos assim, pouco a pouco, correspondendo ás sympathias do publico pela A LUTA MODERNA, sem olharmos a despesas nem a sacrificios de qualquer especie, com o objectivo de fazermos de nossa revista um organo que allie o util ao agradável.

Do principio do anno de 1915 em deante, A LUTA MODERNA será publicada quinzenalmente, em fasciculos de leitura variada e amena, por-

que o seu fim é augmentar sempre o já vasto circulo dos seus leitores.

A despeito de tudo, continuaremos a manter as assignaturas annuaes de tres mil réis, para mais facil diffusão da revista, como organo de propaganda commercial e industrial. As pessoas que se inscreverem como abonadas d'A LUTA MODERNA, mediante aquella insignificante quantia, farão jus a diversas vantagens, entre as quaes o direito a um valioso brinde.

Estamos certos de que o publico, comprehendendo o nosso esforço para bem servir-o, continuará a dispensar-nos o apoio com que até hoje nos tem favorecido.

## Com ares de chronica

Numa das ultimas manhãs, quando saboreava, no meu escriptorio, uma das sciutillantes chronicas de Zeno' sobre a guerra européa, entra-me pela casa a dentro, de ponto em branco e com um cravo rubro na lapella, o director d'A Luta Moderna. Vinha alegre como um passaro em liberdade e, si não cautava como os sabiás ou as patativas, trauteava, em compensação, o *Caballero de la gracia*, que é a sua musica predilecta. Ora, na vespera tinha corrido a loteria de quarenta contos de S. Paulo, e como o Salles não deixa nunca de habilitar-se para a sorte grande, tendo quasi abiscotado ha tempos a taluda da Hespanha, julguei, deante de seu esfuizante bom humor, que a deusa da fortuna o tinha favorecido, afinal, com a cornucopia de moedas de ouro.

Mas qual! O Salles já não acreditava em sortes grandes cabidas

de machinas Ficher, só admitindo as que dá o trabalho intelligente e perseverante, e si cantava nessa linda manhá de sol, era simplesmente porque a gerencia de seu jornal lhe dera informações excellentes da circulação do mesmo. As edições não chegavam para as encomendas, não havendo mãos a medir com as assignaturas e os annuncios que choviam de toda parte. E para responder á extraordinaria sympathia do publico pela LUTA MODERNA, resolvera dar-lhe outro formato, de mais facil e commodo manuseio, e meliorar simultaneamente a parte redaccional. E explicou-me por meido o seu projecto de, dentro em pouco, transformar a revista em uma colossal empresa, com installação propria, linotypos, machinas Marinoni, atelier de photographia e officinas de gravura.

--Como o "Nuevo Mundo"?

--Coisa melhor ainda, "caramba"! uma especie da edição semanal illustrada do "Times" ou "New York Herald".

Não preciso acrescentar que hypotheguei todo o meu apoio ao sympathico director, para que pudesse levar avante o seu projecto. Si de minha prosa insulsa depender a prosperidade d'A LUTA MODERNA — o que duvido muito — pôde contar com ella, todas as vezes que a bella revista tiver de circular entre os seus trinta ou quarenta milhares de leitores.

E foi sómente para reiterar essa promessa que garatujei estas linhas, na mesma radiosa manhá em que o Salles, de ponto em branco e trazendo um cravo rubro na lapella, me appareceu em casa, alegre como um passarinho...

JOAQUIM FREIO

A revista, que circulou entre as décadas de 1910 e 1930, foi um importante veículo para criar um espaço de debate público relacionado às lutas femininas.

Fundada em 1914, como A Luta Moderna e dirigida por Virgínia de Sousa Sales, seu objetivo inicial era atingir a elite paulistana, porém acabou conquistando uma abrangência nacional (PASSOS; GUEDES, 2024).

Seus volumes de 1917 contavam com mais de cinquenta páginas em edições mensais compostas por dezenas de anúncios e ilustrações, com uma tiragem de quinze a vinte mil exemplares (AZEVEDO, 2020).

Em janeiro de 1915, mesmo ano em que seu nome mudou para Revista Feminina, a publicação, de propriedade da Empresa Feminina Brasileira, lançou a seguinte enquete para suas leitoras: Qual deve ser o papel da mulher nas sociedades modernas?

A primeira resposta veiculada na publicação veio de Anna Rita Malheiros, professora que reforçou sua opinião sobre qual era o papel feminino, companheirismo e colaboração com o homem. Portanto, à medida que o homem subia “na escala da evolução” surgiam para ele novas necessidades, substituindo o trabalho braçal, pelo trabalho intelectual, os músculos davam lugar ao espírito.

*Qual deve ser o papel da mulher nas sociedades modernas?  
Esta era a discussão trazida pela Revista Feminina em 1915, que  
suscitou debates entre as leitoras.*

### Os concursos da “LUTA MODERNA”

Abrimos a seguinte enquete sómente para senhoras:

— Qual deve ser o papel da mulher nas sociedades modernas?

As respostas não devem conter mais de trinta a quarenta linhas, dado a affluencia de materia e a carencia de espaço da nossa revista.

Publicamos em seguida a resposta de D. Anna Rita Malheiros, talentosa professora que promete honrar-nos de hora avante com a sua collaboração assidua:

« A mulher em todas as épocas da evolução humana foi considerada a companheira fiel e a collaboradora dedicada do homem.

Nas sociedades primitivas, nos meios limitados, nas aldeias, nos nucleos incipientes de população, a collaboração mais efficaz e quasi unica que ella pôde prestar ao homem, é a direcção do lar, é preparar a sopa quente, o leito macio, a casa calma e alegre, para que o homem de volta do trabalho physico violento, encontre o repouso reconfortante para os seus musculos exgottados.

Mas a proporção que o homem sobe na escala da evolução, augmentam as suas necessidades e aguçam-se os obstaculos que se oppõem á sua victoria.

Não são mais os musculos, que no movimento subconsciente e automatico do trabalho quotidiano e igual, podem dar a victoria. O espirito entra em acção, o homem distancia-se da terra a lavrar, deixa os instrumentos do trabalho manual e no campo das letras, da sciencia, das artes, procura a victoria mais difficil e mais completa da intelligencia.

to do homem. Nos primeiros estágios da sua vida o homem era todo muscnlos; fatigado, exaustado do trabalho physico elle pedia ao lar o alimento e o repouso. Hoje o homem, nas civilizações modernas, é uma vibração constante de emotividade.

De volta ao lar, após as insidias, as carilações, os ataques, as victorias e as derrotas, elle precisa encontrar em casa alguém que o comprehenda, uma alma irman, pura e brilhante como o crystal de um toucador onde elle despeje a sua alma numa confidencia.

A mulher pois, hontem como hoje, deve ser a companheira e a collaboradora do homem, sem inferioridades aviltantes, sem pretenção a uma superioridade ridicula.

Homem e mulher são dois collaboradores na vida; um mais forte, outra mais fraca, ambos iguaes nos direitos e nos deveres.

A mulher moderna tem o dever de instruir-se, de sahir, de frequentar a sociedade, de por-se go corrente ainda que superficialmente do movimento intellectual do Mundo e de por-se inteiramente ao corrente dos assumptos que particularmente interessam ao seu marido. Ella tem o dever de *afinar* com o seu marido e é este o melhor gesto de defesa que ella pôde lançar de mão para manter a belleza do seu sexo, que dá ao Mundo os c

dois typos mais bellos de estethica moral e affectiva — a mãe e a esposa.

*Anna Rita Malheiros.*

S. Paulo, 6 de janeiro de 1915.

# A BELEZA DO ROSTO

## II



A mão esquerda deve fixar a pele na sua extremidade e os dedos da mão direita farão o alisamento, durante dez minutos em cada região, testa, face, queixo e canto dos olhos.

Procede-se em seguida ao amassamento. A figura seguinte indica o modo de fazer o amassamento para evitar os pés de galinha.

Fig. II. 2.



A mão direita sustenta o queixo e os dedos da mão esquerda farão o amassamento, durante dez minutos em cada região, testa, face, queixo e canto dos olhos.



O polegar e o indicador fazem o amassamento no sentido transversal da linha média, espremendo sem violência a pele.

Para desmanchar o doublementon, a frouxidão de pelle sob o queixo (papada) opera-se como na

Fig. II. 4.



As mãos collocadas em cheio sob o queixo os dedos unidos deslizam no sentido das orelhas, levantando fortemente os masseteis e os temporaes.

Terminada a sessão de massagem deve-se lavar novamente a pelle com agua bem quente e

O homem passava a buscar desafios para a sua inteligência no campo das ciências e das letras, assim, era natural que a mulher também o acompanhasse nesse processo de mudança, lendo e se instruindo. Portanto, sintetizando a pergunta da enquete, Malheiros propõe: "A mulher moderna tem o dever de instruir-se, de sair, de frequentar a sociedade, de pôr-se corrente, ainda que superficialmente, do movimento intelectual do Mundo e de pôr-se inteiramente ao corrente dos assuntos que particularmente interessam ao seu marido" (janeiro de 1915, p.11).

No volume de nº10, Encarnacion M. Ribas destacou a difícil e importante missão da mulher nas sociedades modernas. Porém, a permanência de antigos métodos educativos não as preparava para os novos deveres que surgiam dentro e fora do lar, ou seja, não as tornavam aptas para "a luta".

Ribas conclamava que: "Ante a desgraça, não devemos permanecer petrificadas para não sermos esmagadas. As mais fortes devem juntar os seus esforços para levantar, preparar e encaminhar as fracas ao combate - à reivindicação dos direitos femininos para não sermos abatidas, humilhadas, escravizadas tiranicamente até ... os netos de nossos netos!" (março de 1915, p.14). Como conclusão, reforçou a necessidade da educação de "nossos filhos à bondade como fundamento da vida social e individual, impondo-lhes mais respeito à mulher".

Alguém, que não à toa se intitulou Bartyra Tybiriçá, ao responder à questão salientou que até então o papel desempenhado pela mulher na sociedade

*Ao mesmo tempo em que discutia o papel da mulher na sociedade, a Revista Feminina trazia matérias sobre como conservar a "beleza do Rosto". "prolongando sua mocidade ao não se descuidar da beleza de sua pele".*

havia sido “deficiente e deprimente”, com o sexo feminino se sacrificando em benefício do sexo oposto, com o acesso à instrução sendo dificultado por medo da concorrência (abril de 1915, p.10).

Era necessário, portanto, para a realização da felicidade da mulher apenas que elas não fossem “nem mais e nem menos ignorantes que o homem”. Aproveitou também para parabenizar Virgínia de Souza Salles pela iniciativa de criar um jornal para senhoras, que embora não tenha um caráter feminista, colaborava para a formação do espírito da mulher brasileira.

Vemos, assim, que entre as próprias leitoras havia uma enorme diferença entre quais eram suas concepções sobre o papel feminino em uma época de grandes transformações na luta pela igualdade de gênero que pavimentaram o caminho para avanços significativos nas décadas subsequentes.

Felizmente, ainda que a passos mais lentos do que o desejado, a sociedade se transforma. Se há 126 anos o papel de Zakie Rizkallah era de coadjuvante na história da Casa da Boia, hoje, outras mulheres assumem o protagonismo em nossa empresa.

*Retrato de seu tempo, a Revista Feminina, editada por uma mulher, Virgínia de Souza Salles, popularizava uma forma de se comunicar em que temas sociais como a enquete “Qual deve ser o papel da mulher?” se mesclavam com amenidades como receitas para enegrecer os cabelos, uma fórmula editorial que perdura até hoje.*

## Os concursos da Revista Feminina

Qual deve ser o papel da mulher nas sociedades modernas? Responde-nos hoje D. Encarnación M. Ribas:

Em a rápida evolução de um meio social, poucos compreendem a missão difícil e importante da mulher, e muitas senhoras ha sem o preparo educativo e intellectual que desenvolve a força em si mesma, habituadas as condições da vida simples dos tempos já passados, e que não podem encontrar, na moderna corrente de idéas, a calma pre-

nossos filhos a bondade como fundamento da vida social e individual, impondo-lhes mais respeito a mulher—única victima indefesa—ensinando-lhes desde logo que o amor não é um passa-tempo, é—origem da vida ou da morte!

Façamos um appello aos homens eminentes em doutrinas e poderes para que lancem olhares prescrutadores ao redor de si fazendo selecção principalmente nos que applicam as leis: condemnando ou absolvendo.

E' preciso que a alma da mulher seja bafejada por nobres aspirações, para formar e desen-

## Para ennegrecer os cabellos

Ha innumeradas receitas para dar a cor preta aos cabellos, mas todas as tinturas existentes são muito perigosas porque são á base de nitrato de prata, de saes de chumbo, de cobre, de cobalto e até—parece incrível!—cyanureto de potassio, que é um toxico perigosissimo, que pode envenenar rapidamente. As mais communs são as tinturas progressivas todas á base de nitrato de prata, cuja absorção dá lugar a uma intoxicação lenta, que termina por um cancro do figado ou por uma arterio-sclerose ou ainda por accidentes mais graves.

As duas unicas formulas inoffensivas são o *henné* verdadeiro para dar aos cabellos a cor loira ou castanho-claro e a *Petalina*, que tingi desde o castanho até um bello negro lúcente e vivo, que illude á pessoa mais esperta.

E' preciso não confundir o verdadeiro *henné*—que é uma farinha vegetal que vem do Oriente e que não existe

á venda no Brasil—com diversas tinturas que se encontram á venda no nosso commercio, á base de saes de prata e de chumbo e com o rotulo de *Henné*. A pedido de diversas leitoras nós estavamos fazendo esforços para importar do Oriente o verdadeiro *Henné*—para as loiras e as castanhas—mas a guerra veio annullar os nossos esforços.

A *Petalina*, que é absolutamente inoffensiva, nós conseguimos fazer com que os srs. John Regent & C. fizessem vir da Europa e ás nossas leitoras que desejarem fazer desaparecer os seus cabellos brancos, poderemos servir de intermediaria enviando-lhes a *Petalina*, que não temos duvida em recomendar. Com a *Petalina*, em dez minutos faz-se a pintura, podendo lavar-se a cabeça em seguida e pôr brilhantina ou qualquer oleo nos cabellos

E' sufficiente uma applicação por mez. Simples, facil, perfeito e inoffensivo. Basta enviar a importancia de dez mil réis e o endereço á Empresa Feminina Brasileira. Alameda Glette, 87. S. Paulo.

Ao assumir a diretoria cultural e de projetos da empresa, a partir de 2014, Adriana Rizkallah imprimiu um novo dinamismo aos conceitos de ambientação da loja e implementou um projeto de atividades culturais efervescentes que integra a empresa ao circuito do patrimônio de São Paulo.

Luiza Rizkallah, quarta geração da família, tem protagonismo na coordenação do blog, canal de comunicação que propõe conhecimento e reflexão sobre a conexão da Casa da Bóia com a história e memória paulistana.

Firma **Rizkallah Jorge & Filhos** Rua **Florencio de Abreu, 11**

**REGISTRO DE EMPREGADOS**

Nome **Anna Candida Nogueira de Sá**

Estado civil **Solteira** Idade **33** anos. Data do nascimento **22 / 9 / 907**

Nacionalidade **Brasileira** Lugar do Nascimento **LAGE - (Município Palmeiras)**

Residência **Trav. Monte Bello, 1 (Tucuruvy)** Data da admissão ao serviço **1 / 4 / 941**

Categoria e ocupação habitual **Caixa** Salário **300\$000**

Forma de pagamento **por mez** Nomes dos beneficiários **José Candido Nogueira e Marcia Nogueira de Sá**

Assinatura do empregado *Anna Candida Nogueira de Sá* Data **24 de Fevereiro de 1941**

Horario de Trabalho de **8** às **18** com intervalo de **2** horas para refeição e descanso.

*Se no início do Século XX temos apenas o registro de três mulheres trabalhando na Casa da Bóia em um período de 20 anos, hoje são mulheres as protagonistas de uma mudança estratégica.*

## Bibliografia

AZEVEDO, Sílvia Maria. A Revista Feminina e a moda em tempos de guerra (1914-1918). Dobras: Revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda, Barueri, v. 14, p. 122-143, 2020.

PASSOS, Daniela Oliveira Ramos dos; GUEDES, Rayane Silva. A Revista Feminina (1914-1930) em perspectiva: o uso da imprensa e dos arquivos para pensar a história das mulheres. Acervo. Rio de Janeiro, v. 37, n.1, p.1-30, jan./abr. 2024.

PERROT, Michelle. Minha história das mulheres. São Paulo: Contexto, 2017.

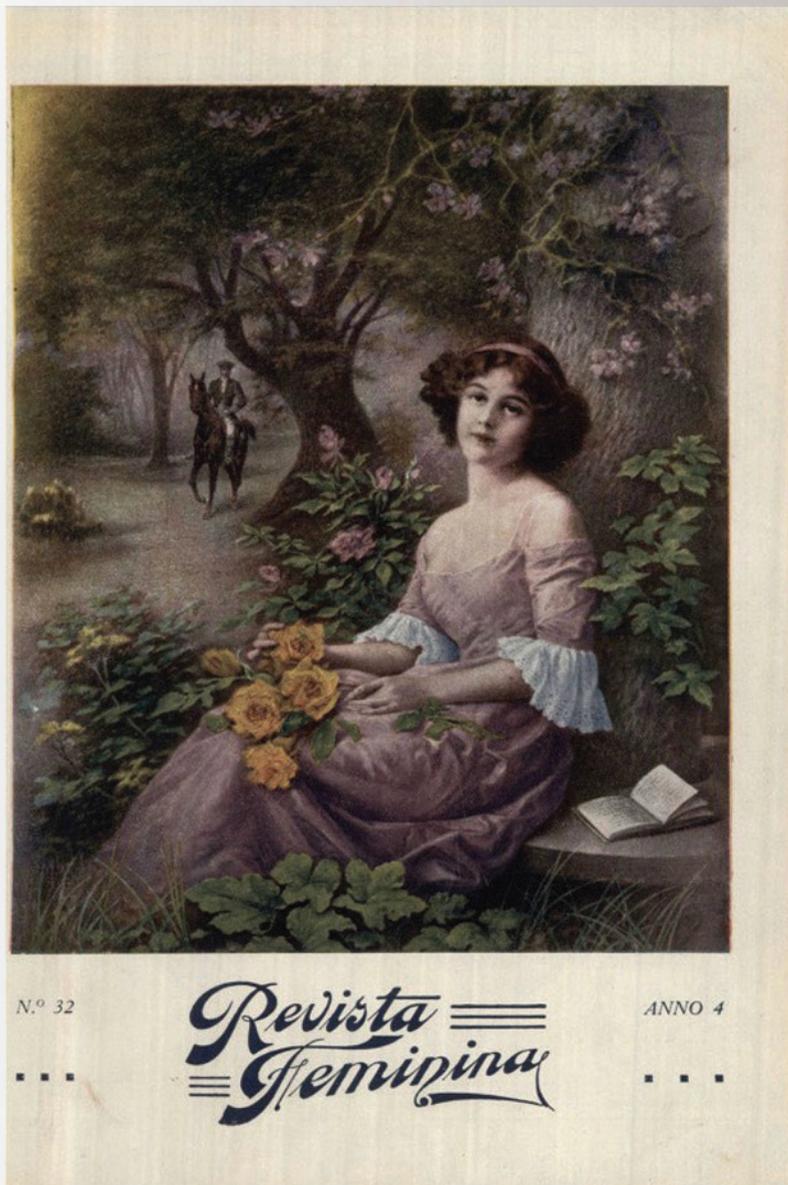
Revista Feminina, ano I, n.8, janeiro de 1915.

Revista Feminina, ano II, n.10, março de 1915.

Revista Feminina, ano II, n. 11, abril de 1915.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti; ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Mulheres, arquivos e memórias. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 71, p. 19-27, dez. 2018.

110 anos separam a "Revista Feminina" da "Marie Claire" e as mudanças nas abordagens de sua capa são evidentes, mostrando o contraste da representação feminina na sociedade.



CASA DA BÓIA

METAIS E HIDRÁULICA  
DESDE 1898

Diretor:  
Mario Rizkallah  
maio, 2024